

Correspondente no Brasil

Origens da atividade nas décadas de 1870 e 1880

TANIA REGINA DE LUCA

Professor Livre-Docente
Universidade Estadual Paulista
Departamento de História
trdeluca@uol.com.br



artigo tem por objetivo analisar as variadas situações que, no Brasil do último quartel do século XIX, eram abarcadas sob a denominação genérica de correspondente. Por certo é possível encontrar exemplos de indivíduos que desempenharam tal função em períodos anteriores, entretanto o que se deseja neste trabalho é evidenciar como as transformações sociais e as novidades técnicas nos meios de transporte e na difusão das informações alteraram o processo de produção dos periódicos e acabaram por reconfigurar e dotar essa atividade de outro estatuto a partir das décadas de 1870 e 1880. É importante salientar que isso aconteceu num país escravocrata, com altas taxas de analfabetismo, população urbana rarefeita e cuja indústria gráfica era bastante modesta em comparação com os padrões vigentes na Europa. Tais aspectos são tratados na primeira parte do artigo, que apresenta ao leitor o contexto que fez da notícia um produto indispensável.

Nas duas partes seguintes é o correspondente que entra em cena, ainda sob o manto da indefinição, pois o termo poderia referir-se à situações concretas muito diversas, que abarcavam desde o colaborações informais e esporádicas até um rol bem preciso de obrigações. Para isso recorreremos a alguns exemplos concretos, com destaque, na terceira parte, para o acervo do jornalista português Mariano Pina, cuja trabalho de correspondente permite

Pour citer cet article

Référence électronique

Tania Regina de Luca, « Correspondente no Brasil Origens da atividade nas décadas de 1870 e 1880 », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 5, n° 1 - 2016, mis en ligne le 15 septembre 2016.
URL : <http://surlejournalisme.com/rev>

acompanhar as expectativas dos empregadores, mas também as oportunidades oferecidas pelo cargo.

A perspectiva teórica que orienta o trabalho é a das transferências culturais em âmbito transnacional,² aspecto normalmente negligenciado nos estudos sobre a história da imprensa. A condição de correspondente é, por sua própria natureza, uma oportunidade para refletir sobre as mediações entre duas ou mais culturas, realizadas por esses agentes que circulavam em espaços que ultrapassavam as fronteiras nacionais. O que nos interessa, nos limites deste artigo, é precisar historicamente o surgimento desses mediadores e tornar patente que foi apenas de maneira lenta que as suas atribuições, enquanto integrantes de um mercado de trabalho já internacionalizado, foram sendo definidas, como se pode observar no caso de Mariano Pina, que deixou suas atividades na imprensa lisboeta para assumir as funções de representante do matutino fluminense *Gazeta de Notícias* (RJ, 1875-1942) em Paris.

O NOVO HORIZONTE TÉCNICO

O século XIX foi marcado por um conjunto importante de transformações no que se refere aos meios de transporte e à circulação da informação. Sem dúvida, os progressos das viagens marítimas, realizadas sob a égide do vapor, e o desenvolvimento acelerado das ferrovias mudaram a percepção do espaço e do tempo. A locomotiva tornou-se um dos mais poderosos símbolos de modernidade, rapidez e eficiência e inspirou poetas, romancistas e pintores, que registraram o impacto das experiências propiciadas pela velocidade. Flaubert chegou a descrever Cristo “*como um maquinista conduzindo a locomotiva da História*”, enquanto o crítico George Rivière, admirador da série de pinturas de Claude Monet a respeito da *Gare Saint-Lazare*, engrossava a legião dos que recorriam à imagem de seres prodigiosos para definir as locomotivas, caracterizadas como “*um animal impaciente e impetuoso, animado, e não fatigado, pela tração (...). Em volta do monstro, homens pululam como pigmeus aos pés de um gigante*”.³

No registro historiográfico, Hobsbawm foi preciso ao ressaltar que “*os trens alcançavam o centro das grandes cidades (...) e as mais remotas áreas da zona rural, onde não penetrava nenhum outro vestígio de civilização do século XIX*” sendo que, apenas em 1882, “*quase dois bilhões de pessoas viajavam por ano pelas ferrovias*” e mais de 22 mil navios cruzavam mares e oceanos. O historiador bem destacou que o mundo “*estava se tornando demograficamente maior e geograficamente menor e mais global – um planeta ligado cada vez mais estreitamente pelos la-*

ços dos deslocamentos de bens e pessoas, de capital e comunicações, de produtos materiais e ideias.”⁴ Graças à introdução do vapor nas rotas do Atlântico Sul em meados do século XIX, diminuiu quase à metade o tempo da travessia entre a Europa e o Rio de Janeiro – de cinquenta e quatro para vinte e nove dias – trajeto que, a partir dos anos 1880, passou a ser feito em apenas vinte e dois dias,⁵ o que impactou na circulação não apenas de mercadorias, mas instituiu espaços comuns de trocas em escala e ritmo inéditos, que descortinavam novas possibilidades para a produção cultural e o confronto de opiniões, informações e ideias.

Além da existência de meios de transportes eficientes, é preciso ter em conta que foi justamente no decorrer do século XIX que o processo de produção dos impressos conheceu mudanças técnicas significativas que incluíram, ainda nas suas décadas iniciais, a fabricação de papel contínuo, a prensa cilíndrica e o vapor, ao que se seguiram as cada vez mais rápidas prensas mecânicas, as rotativas e, nos decênios finais da centúria, a mecanização da composição pela linotipo.⁶ Multiplicavam-se as novidades que saíam das tipografias – livros, revistas, jornais, folhetos, estampas, panoramas, propagandas e cartazes – produzidos em escala industrial, isto é, cada vez mais baratos e atraentes, graças à incorporação da imagem, novidades de grande alcance e que propiciava inéditas experiências de visualidade. O impacto econômico e social da circulação de milhares de páginas impressas, vendidas a preços módicos à crescente população urbana europeia, que dependia da informação para gerir seu cotidiano e cujo processo de letramento conhecia avanços significativos, foi objeto de estudos circunstanciados na França. Jean-Yves Mollier referiu-se à “*une révolution culturelle silencieuse*” do final do XIX, que “*a bouleversé les structures mentales*” e possibilitou o surgimento de uma “*culture médiatique*”, ancorada na “*mise en place de structures de diffusion de masse*”.⁷ A observação do autor abre perspectivas analíticas instigantes por chamar a atenção para a possibilidade de se antecipar a periodização normalmente consagrada para os processos de mundialização e para a criação de condições favoráveis à existência de um mercado cultural de dimensões mundiais.

De fato, a capacidade de impressão instalada convidava a multiplicar os produtos disponíveis, como bem exemplificam a organização dos almanaques de jornais, prática inaugurada pelo *Le Figaro* em 1856 e que se generalizou, fosse para venda ou sob a forma de brinde aos assinantes, e dos calendários, encimados pelo título do diário e ornados com belas imagens. As vias públicas, por seu turno, foram inundadas por folhetos e cartazes que apregoavam o início da difusão de um novo romance, o lançamento de

revistas e de cotidianos, enquanto a comemoração de efemérides, a organização de grandes exposições e os acontecimentos do momento originavam um rosário variado de imagens, mapas, suplementos, que atendiam à curiosidade e à demanda de um público disposto a pagar por esses produtos.⁸

Indiscutível mesmo era a importância dos periódicos para todos os que aspiravam viver do ou ingressar no mundo das letras, importância que, no Brasil, se fez sentir ainda para além de meados do século XX.⁹ Discernir funções no mundo dos jornais não é tarefa simples, uma vez que a especialização foi um processo complexo, que conheceu ritmos distintos em diferentes espaços e que também se articulou às novidades técnicas incorporadas ao processo de produção dos impressos. Assim, em tese, a empresa comportava diretores, gerentes, redatores, secretários, repórteres, correspondentes, não raro genericamente denominados de jornalistas, ao lado de artistas do lápis e, quando os avanços técnicos permitiram, fotógrafos. Acrescente-se o variado rol de colaboradores que preenchia o rodapé da primeira página, o chamado folhetim, espaço inicialmente compartilhado por crônicas, críticas literárias, resenhas, anedotas, *faits-divers* e os romances publicados em partes que, ao longo do tempo, acabaram por desalojar os demais textos, forçados a migrar para o interior das páginas dos diários.¹⁰

No caso brasileiro, um ponto de inflexão na prática jornalística foi a ligação do país por cabo submarino à Europa, via Portugal, em 1874, o que permitiu selar um novo compromisso com a notícia e a informação, tornando letra morta a velha fórmula “*soube-se, pelo último pacote...*”, logo substituída pelas ágeis notas telegráficas provenientes de agências especializadas, caso da Havas-Reuter que, ainda no referido ano, instalou sucursal no Rio de Janeiro. Deste momento em diante, os jornais precisavam local, data e, por vezes, a hora exata do acontecimento (“*Londres, 30 de julho às 2 horas da manhã – Faleceu ontem...*”),¹¹ o que não apenas instituía uma nova percepção do tempo, mas também alterava a relação com o espaço, tornando acessíveis eventos ocorridos nos mais recônditos cantos do planeta a um rol muito mais amplo de indivíduos, ávidos pela descrição do exótico e do diferente, num contexto em que as potências europeias disputavam acirradamente a Ásia e África.

O NOVO JORNALISMO E A FIGURA DO CORRESPONDENTE

Um dos marcos desse novo jornalismo foi a *Gazeta de Notícias*, fundada pelo médico brasileiro

Ferreira de Araújo e pelos portugueses Manuel Carneiro Rodrigues e Elísio Mendes, que começou a circular em 02 de agosto de 1875. O matutino custava bem menos que os concorrentes (40 réis contra os 100 réis do *Jornal do Comércio*) e inaugurou a venda avulsa em diversos pontos da cidade (“*quiosques, estações de bondes, barcas, e em todas as estações da Estrada de Ferro D. Pedro II*”), além de empregar garotos que percorriam as ruas alardeando as novidades. Aliás, o compromisso com a notícia e a informação era outra marca distintiva da *Gazeta*, tanto que o prospecto anunciando o lançamento do periódico abria-se com menção à Havas-Reuter e prometia divulgar “*diariamente todos os telegramas políticos e comerciais, tanto do país como do estrangeiro*”.

No prospecto também se assumia o compromisso de publicar a cada dia um folhetim-romance, outro de atualidades, ademais de “*artes, literatura, teatros, modas, acontecimentos notáveis*”, ou seja, tratava-se de oferecer um periódico diversificado que, “*não sendo folha de partido*”, abordaria apenas “*questões de interesse geral*” com o objetivo de “*agradar o público*”, o que explica a opção pelo texto ágil e leve. Prometia-se, ainda, abrir espaço para a correspondência de particulares, o que acabou por se consubstanciar na famosa seção «*A pedidos*», que contribuiu para a fama do periódico.¹²

O jornal teve como colaboradores grandes nomes da literatura brasileira e são frequentes os depoimentos de escritores de proa – a exemplo de Machado de Assis (1839-1908), Olavo Bilac (1865-1918), José do Patrocínio (1853-1905) ou Lúcio de Mendonça (1854-1909) – referindo-se à importância e ao significado da *Gazeta* e de seu redator-chefe, Ferreira de Araújo, à testa do empreendimento até sua morte em 1900. O diário também contou com a presença sistemática de escritores portugueses – Oliveira Martins (1845-1894), Jaime Batalha Reis (1847-1934), Guilherme de Azevedo (1839-1882), Eça de Queirós (1845-1900) e Ramalho Ortigão (1836-1915),¹³ o que o torna um importante veículo para a análise das trocas culturais efetivadas entre Brasil e Portugal.

Aliás, essas trocas ultrapassavam os respectivos espaços nacionais pois os responsáveis pela *Gazeta* preocupavam-se em contar relatos sobre lugares ou acontecimentos do momento. Por esta razão convidaram Ramalho a viajar de Lisboa à Paris com a incumbência de remeter suas impressões sobre a Exposição Universal de 1878, do que resultou um conjunto de crônicas, enfileiradas no livro *Notas de viagem* (1879). Posteriormente o mesmo jornal financiou a permanência do escritor nos Países Baixos por cerca de três meses e, mais uma vez, os textos

estampados no matutino entre 1883 e 1885 logo foram reunidos no livro *A Holanda* (1885), considerado pela crítica sua obra prima.¹⁴

Ainda em 1878, entre maio e setembro, o jornal fluminense enviou para o Ceará José do Patrocínio, com a missão de remeter informes sobre a inclemente seca que assolava a região. O material, difundido no espaço destinado ao folhetim, vinha encimado pelo título *Viagem ao Norte*.¹⁵ Patrocínio também remeteu fotos das vítimas para *O Besouro, folha ilustrada, humorística e satírica* (RJ, 1878-1879), fundada pelo artista português então residindo na capital do Império, Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905), a partir das quais foram feitas litografias sobre a terrível situação da população, apresentadas como cópias fiéis das chapas fotográficas. Os textos para a *Gazeta* e o material iconográfico difundido em *O Besouro* são considerados o primeiro trabalho jornalístico sobre a temática da seca, ainda que a declarada promessa de fidelidade das imagens deva ser relativizada, como alerta a bibliografia especializada.¹⁶

A prática de manter correspondentes permanentes – e/ou financiar viagens para obter relatos exclusivos – começou a generalizar-se no Brasil do final da década de 1870, quicá pelo fato de a mera reprodução dos telegramas remetidos pelas agências não atender às necessidades dos periódicos. Cabia ao correspondente, em primeiro lugar, contextualizar e analisar as compactas notícias recebidas pelos fios dos telégrafos, cujo custo era ainda bastante elevado,¹⁷ e remeter ele mesmo as novidades que considerasse muito importantes.

Entre os brasileiros que exerceram a função cabe destacar o exemplo de Santa-Anna Nery (1848-1901), residente em Paris e que desde fins de 1874 aí atuava como correspondente do *Jornal do Comércio* (RJ, 1827), respondendo pela coluna *Ver, ouvir, contar*. Joaquim Nabuco (1849-1910) parece ter sido um dos pioneiros a sair do país especificamente para o exercício da tarefa, tendo partido para Londres em dezembro de 1881 na condição de correspondente do mesmo *Jornal do Comércio*, em substituição ao inglês William Clark recém-falecido. O seu interesse pelo cargo cresceu após não ter sido reeleito Deputado Geral no pleito realizado naquele mesmo ano e das remotas chances de conseguir emprego público, por conta da intransigente defesa em prol da abolição do regime escravista. Sua vasta correspondência revela que pensou em oferecer seus préstimos à *Gazeta de Notícias* ou a outro jornal da América do Sul. Quando a oportunidade se apresentou, Nabuco, de imediato, “*Apressara-se em falar com Júlio Villeneuve, proprietário do jornal, enquanto seu amigo Gusmão Lobo entrava em contato com o diretor, Luís de Castro (...). Faltava Antônio Fran-*

*cisco Picot, outro diretor residente em Paris. Para convencer Picot contava com a poderosa bateria de Penedo [Barão de Penedo]”,*¹⁸ ações coordenadas que mobilizaram sua ampla rede de relações e lhe asseguraram a tão sonhada vaga.

Cite-se também o caso José Lopes da Silva Trovão (1848-1925), figura central nas manifestações contra o aumento das passagens dos transportes públicos no Rio de Janeiro, a chamada Revolta do Vintém, que incendiou a cidade nos últimos dias de 1879 e o início do ano seguinte. Em meados de 1882, em vista de perseguições derivadas de sua militância política, o republicano e opositor do Império fixou residência em Paris, com a perspectiva de atuar como correspondente do jornal *O Globo* (RJ, 1874-1883), de Quintino Bocaiúva, que logo encerrou suas atividades, o que levou Trovão a aceitar todo tipo de trabalho, inclusive o de revisor das obras editadas em Paris pelo livreiro e editor francês radicado na Corte, Baptiste Louis Garnier (1823-1893), nome dos mais destacados nesse ramo de atividade.¹⁹ Em 1885, figurava como redator chefe do *Chronique Franco-Brésilienne*, periódico redigido em francês (notícias do Brasil) e em português (notícias da França), de breve duração.

Cabe destacar que as notícias da folha de Lopes Trovão chegavam por intermédio de Louis-Xavier de Ricard (1843-1911), defensor de posições socialistas e federalistas, militante da Comuna de Paris e que permaneceu na América do Sul entre 1882 e 1886. Ricard fundou periódicos nas cidades sul-americanas por que passou – primeiro o *L'Union Française* (Buenos Aires), em seguida *Le Rio Paraguay* (Assunção) e por fim *Le Sud-Américain* (RJ, 1885-1886), cujo subtítulo era “*órgão dos interesses franceses na América do Sul*”, mas que acabou sendo mais do que isso, na medida em que se fez porta-voz de ideais políticos que tornaram sua presença no Brasil insustentável.²⁰ Não é obra do acaso que ele difundisse textos e noticiasse a existência da publicação de Trovão, político que se distinguia pela crítica à ordem vigente no Império e que desempenhou papel de relevo na queda da Monarquia em 1889.

Os exemplos evidenciam a intensidade das trocas comerciais, mas também de informações, ideais, concepções e correntes de pensamento estabelecidas por intermédio dos impressos periódicos, que cruzavam mares e oceanos em diferentes direções, passando, muito frequentemente, por Paris. Nesse processo, os correspondentes constituíam-se em importantes elementos de ligação entre culturas distintas e não apenas davam a conhecer as últimas novidades, completavam e interpretavam os telegramas remetidos pelas agências, mas também assumiam o papel de formadores de opinião, com atuação em

diferentes espectros do campo político, aqui exemplificados por Nabuco e Lopes Trovão, que mantinham relações muito distintas com os jornais do Rio de Janeiro, ainda que ambos fossem genericamente referidos como correspondentes.

É provável que, em função de questões econômicas, a *Gazeta* tenha optado por convidar renomados escritores portugueses, que viviam em capitais do velho continente, para atuarem como correspondentes, estratégia também utilizada pelo *Jornal do Comércio*, como se observou em relação a Santa-Ana Nery. Assim, Ramalho Ortigão foi um colaborador longo e que compareceu, com interrupções, nas páginas do jornal entre 1878 e 1915, enviando crônicas de Lisboa ou de outras cidades que visitou a convite do jornal, enquanto Eça de Queirós, outra presença constante na folha fluminense entre 1880 e 1897, ainda que não de forma contínua, remetia suas notas da Inglaterra, país onde residiu por vários anos em função do seu posto no corpo diplomático português. A prática comportava vantagens evidentes, pois a empresa não precisava arcar com despesas de deslocamento e manutenção de seu colaborador na cidade e, por outro lado, podia orgulhosamente anunciar aos leitores a publicação de textos especialmente escritos para a folha por ilustres letrados. Esses indivíduos transitavam entre diferentes fronteiras, em sintonia com as possibilidades de circulação e trocas intensificadas no último quartel do século XIX, e atuavam como intermediários e difusores de gostos, modos de vida, propostas estéticas e políticas, conectando culturas.

O EXEMPLO DE MARIANO PINA

Para um jornal como a *Gazeta*, que se queria moderno e bem informado, ter um correspondente em Paris, então a capital da cultura, era imperioso e, ainda uma vez, foi para os letrados portugueses que os responsáveis voltaram-se no momento de recrutar o seu correspondente na França. O escolhido foi Guilherme de Azevedo, figura de destaque no cenário jornalístico lisboeta e que se instalou em 1880 na capital do Hexágono, cidade onde veio a falecer em abril de 1882. O prestigioso cargo passou às mãos de outro português, Mariano Pina (1860-1899), que contava apenas vinte e dois anos e, por certo, não acumulava o mesmo prestígio e experiência do antecessor. Pina estreou no jornalismo em 1878, no *Diário do Comércio* (Lisboa, 1876-1880), e logo passou para o *Diário da Manhã* (Lisboa, 1876-1884), no qual redigiu diversas notas sobre artes plásticas, o que contribuiu para aproximá-lo do grupo de Rafael Bordalo Pinheiro. Em 1879, manteve acirrada polêmica com Camilo Castelo Branco (1825-1890) a propósito do seu livro *Cancioneiro Alegre*, contenda

que lhe deu oportunidade de exaltar *As Farpas* e *O Primo Basílio*, o que evidencia sua proximidade com Eça.²¹

Sabe-se que esses os dois escritores, tal como Bordalo, mantinham estreitos vínculos de amizade com os proprietários e redatores da *Gazeta*. É importante ter em vista que Henrique Chaves, editor do jornal por anos a fio, Ferreira de Araújo e Manuel Rodrigues Carneiro, seus fundadores, trabalharam juntos em *O Mosquito* (RJ, 1869-1877) e foi justamente o convite para colaborar neste periódico humorístico que motivou a vinda de Bordalo para o Brasil.²² Além de desfrutar da simpatia do trio, Mariano Pina ainda contou com a intervenção de Manoel Joaquim Pinheiro Chagas (1842-1895), destacado homem de imprensa, proprietário do *Diário da Manhã*, escritor e político português, que mantinha vínculos de amizade com os donos do jornal.²³ Assim, a escolha de Pina desvela as redes de relações estabelecidas para além das fronteiras nacionais, que agiam de modo muito eficiente não apenas para a indicação de nomes, mas igualmente na promoção de certos autores e suas obras e de ideais estéticos e políticos.

É preciso, contudo, relativizar o peso do termo correspondente, que então cobria um rol bastante diversificado de situações. No caso de Lopes Trovão, a ida para a França foi motivada por necessidades de ordem política, sendo que a remessa de textos para o cotidiano do Rio de Janeiro deve ser encarada muito mais como estratégia que visava garantir-lhe algum meio de sobrevivência do que resposta às demandas específicas do jornal. Vale contrapor o exemplo de Nabuco, que indica o quão exigente poderia ser a tarefa. O novato foi cuidadosamente treinado pelos superiores, como corroboram as cartas a ele endereçadas por seus empregadores e que insistiam nas datas de remessa dos textos (8, 18 e 30 de cada mês) e instruíam sobre “o formato e a grossura do papel, o uso de parágrafos (para não confundir os compositores), a divisão dos parágrafos na folha (nunca dividir um parágrafo entre duas folhas), a maneira de emendar as folhas, não usando alfinete, mas goma (não muita para não grudar as páginas), a tradução das citações em língua estrangeira, o uso de letra de forma nos nomes próprios etc”. Já o correspondente reclamava do “esforço heroico”, do “suor do seu rosto” e da baixa remuneração, apenas 30 libras para escrever três correspondências por mês.²⁴ É certo que exigências dessa natureza não faziam parte dos compromissos de Ramalho e Eça, que dispunham de maior liberdade quanto ao envio de suas contribuições, pelas quais eram remunerados sem que figurassem, porém, na folha de pagamento da empresa de maneira contínua.

A condição vivenciada por Nabuco era próxima da experimentada pelo jovem Mariano Pina. Passados apenas dois dias da morte de Guilherme de Azevedo, o editor da *Gazeta de Notícias*, o português Henrique Chaves, endereçou-lhe carta formalizando sua vinculação ao jornal. Os termos da missiva sugerem que o jornalista ofereceu seus préstimos ao matutino fluminense, pois a mesma abria-se com a seguinte frase: “*A tua proposta foi aceita com prazer (...). Não debes essa nomeação senão ao teu trabalho e talento. A mim nada tens que agradecer.*” Já as muitas obrigações que envolviam o cargo eram listadas de maneira detalhada e vale à pena acompanhar as instruções do editor:

“1º Mandar correspondência, uma carta com o título Correio de França, por todos os pacotes regulares, que são seis por mês, e aqueles extraordinários, que puderem adiantar. Bem informado desse movimento dos pacotes, casos haverá em que possas mandar a carta por via Lisboa, visto a brevidade de comunicações.

2º Mandar duas Crônicas de Paris, que poderá assinar. Essas crônicas podem ser quinzenais.

3º Mandar notícias artísticas e teatrais, em separado, para nós cá as metermos nas respectivas seções.

4º Cortar dos jornais e revistas os artigos que julgares interessantes, caso não possas mandá-los traduzidos.

5º Convém que as correspondências não sejam longas – 8 ou 9 tiras tuas, é uma medida regular (...)

6º Mandaras telegramas dos casos importantes da política europeia. A esse respeito nada te posso dizer. Serás o único juiz das ocasiões em que debes fazer trabalhar os fios ao serviço da Gazeta”.

Ironicamente, a lista encerrava-se com um “*É só*”, seguido de menções a Ramalho e Bordalo²⁵ evidência da importância da redação do jornal enquanto espaço de sociabilidade e solidariedades intelectuais.²⁶

A escolha de Pina também passou pelo crivo dos proprietários. Um deles, o português Elísio Mendes, apressou-se em cumprimentar o novo correspondente: “*As suas três primeiras correspondências já publicadas agradaram (...). Têm a amenidade que convém à Gazeta. Está compreendendo perfeitamente o gênero criado pelo jornal e seguindo-o. Dou-lhe os*

parabéns depois de os ter dado a mim”,²⁷ frase que indica sua ativa participação na escolha.

Meses depois, Chaves também louvava o trabalho do correspondente, mas insistia na diferença entre o *Correio de França*, que deveria se constituir num “*verdadeiro noticiário – fatos e poucos comentários*”, alertando que os textos de Pina eram “*bem escritos demais, com estilo folhetim*”. A preocupação com os concorrentes era constante e Chaves lamentava o fato de as correspondências do *Jornal do Comércio* trazerem “ *muito maior cópia de notícias,*” advertia Pina por enviar apenas uma *Crônica de Paris* por mês, quando estas deveriam ser quinzenais, e asseverava que nessas colaborações ele poderia “*fazer brilhar o teu [de Pina] estilo, perfeitamente à vontade.*” E, por fim, arrematava: “*É preciso distinguir até na forma, o que é uma carta noticiosa, de um folhetim, que é sempre obra literária*”.²⁸

Essas cartas constituem-se em documentos preciosos, por permitirem flagrar as expectativas e obrigações que cercavam a atuação do correspondente. Além de evidenciar o acúmulo de distintas funções, fornecem indícios de que nem sempre as necessidades do contratante estavam em harmonia com as aspirações nutridas pelo contratado. A ênfase no envio de telegramas atesta a importância que o jornal atribuía a esse atividade: esperava-se mesmo que o correspondente fosse mais rápido do que as agências noticiosas, que prestavam serviços a diferentes jornais do Império, circunstância que ajuda a compreender a pressão pela diferenciação, que acabava por recair sobre o representante *in loco* da folha. Elísio insistia: “*sobre telegramas não se descuide, que queremos fazer disso atenção e atração... Passar os telegramas até 5 da tarde para que cheguem no mesmo dia*”. Não faltaram registros do proprietário, por vezes elogiando (“*o seu telegrama do ministério veio com vantagem ao da Havas*”) e outras reprovando (“*o seu telegrama sobre a derrota dos egípcios no Sudão foi expedido muito tarde*”) a atuação do seu representante.²⁹

A presença de Mariano Pina em Paris expressava as novas necessidades das empresas jornalísticas em fins do século XIX e, ao mesmo tempo, testemunhava as possibilidades que se descortinavam para indivíduos que já desfrutavam de reconhecimento no mundo letrado ou, como no caso de Pina, ambicionavam alcançá-los. O caminho, entretanto, estava longe de ser fácil. A correspondência atesta que questões ligadas ao seu desempenho foram constantes durante os quase quatro anos em que foi correspondente da *Gazeta*, sendo que os problemas diziam respeito, sobretudo, à relação entre conteúdo literário e conteúdo noticioso dos seus textos, ao que se somavam aspectos relativos à remuneração dos serviços.³⁰

Além dos trabalhos prestados para o matutino, em 1884 Pina recebeu de Elísio Mendes a incumbência de dirigir uma revista ilustrada, nos moldes de *L'Illustration* (Paris, 1843-1943) e do *Le Monde Illustré* (Paris, 1857-1940; 1945-1956). A nova publicação foi lançada em maio de 1884 com o título *A Ilustração, revista quinzenal para Portugal e Brasil* (Paris/Lisboa 1884-1892),³¹ países que não dispunham de condições para produzir publicações com o apuro gráfico exibido pelas congêneres europeias. A denominação, por si só, permite discernir elementos importantes, na medida em que remete para a expectativa de interessar leitores de diferentes lados do Atlântico, periodicidade relativamente curta (quinze dias) e para a própria natureza do impresso, que se autodefinia como ilustrado. Já a tipografia encarregada da impressão e o escritório da redação localizavam-se em Paris, ou seja, cada edição seguia, a partir dos portos franceses, para Lisboa e o Rio de Janeiro, configurando um empreendimento com alto grau de internacionalização.

Elísio arcou com os custos, a despeito do seu nome não figurar no expediente da revista e tampouco na *Gazeta*, que divulgou amplamente a publicação e assumiu a responsabilidade de distribuí-la no Brasil, tarefa que em Portugal estava a cargo da prestigiosa casa editora David Corazzi, cujo catálogo de 1884 contém propaganda de página inteira sobre o novo periódico. Se, no Rio de Janeiro, silenciava-se sobre a participação de Elísio e atribuía-se toda a responsabilidade ao jovem correspondente da folha em Paris, ocorria exatamente o contrário em Lisboa, onde a ênfase recaía no nome de Mendes, apresentado como dono da *Gazeta* e fiador do sucesso do empreendimento, como se observa no anúncio da casa Corazzi.

Importa destacar que Elísio Mendes percebeu possibilidades de lucro num segmento específico da imprensa e valeu-se do seu correspondente em Paris para levar adiante a empreitada, comparecendo como investidor oculto do negócio, pelo menos no Brasil. Pina, por sua vez, assumiu por inteiro as múltiplas tarefas que compreendiam as funções de editor, sem abrir mão da condição de correspondente e cronista da *Gazeta*, cargos que exerceu até março de 1886, quando foi laconicamente despedido por Mendes: “Atendendo a conveniência de administração da *Gazeta de Notícias*, de que V. Exa tem sido correspondente, em Paris, fica este cargo suprimido no fim do corrente mês”.³²

As cartas explicitam desentendimentos crescentes, com Elísio insistindo nas questões financeiras e Pina nas necessidades literárias da revista. A partir de dezembro de 1885, ele passou a ser identificado como diretor-proprietário da *Ilustração*, explicitan-

do o rompimento com Mendes. A revista continuou a ser editada até janeiro de 1892, totalizando 184 exemplares.

Capa do número inaugural, de 05/05/1884, no qual Mariano Pina figura como diretor, e do número datado de 20/12/1885, a partir do qual ele assume a condição de Diretor proprietário.

Fonte: Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Campus de Assis.

O ato de editar a publicação fornecia a Pina trunfo importante e que desde logo lhe assegurou condição privilegiada de acesso ao mundo letrado, uma vez que impressos periódicos são espaços de poder tanto simbólicos³³ quanto bem concretos, que se materializam, por exemplo, na decisão de franquear (ou não) as páginas da publicação e de oferecer compensações materiais pela colaboração. Exemplo da repercussão do lançamento da *Ilustração* em Portugal é o excerto de carta enviada de Lisboa, em junho de 1884, pelo poeta português Cesário Verde (1855-1886):

“A sua *Ilustração impressa nesse tumultuoso Paris, em grande formato, composta por tipógrafos franceses que devem achar muito drôle a abundância de “til” e a falta do “acento grave”, anunciada com reclames estonteantes e um taraze ensurdecedor neta pacífica Lisboa tão morna e tão dorminhoca, a sua *Ilustração* dum tiragem muitíssimo reparável, fez-me nascer o desejo de lhe oferecer a Você a minha colaboração. Conquanto V. não me envie o seu cartão de convite, o meu ideal de luxo e a minha pretensão de ver os meus versos numa elegante toilette parisiense, instigaram-me a recomendar-lhe um pequeno poema [Nós] que fiz com todo o esmero de que dou capaz”.³⁴*

Paris abria outras portas. Pina envolveu-se com o mundo do teatro e, além de atuar no mercado de aquisição de peças francesas recém-encenadas, que lhe valeram polêmicas com colegas portugueses,³⁵ intermediou apresentações de Jean Coquelin e Sarah Bernhardt, tanto que em março de 1888 anunciava ao amigo Jaime dos Reis Batalha: “Ando há um mês pela Espanha e por Portugal tratando da *tournee da Sarah*”.³⁶ Arriscou-se no mundo editorial e em 1895, quando a *Ilustração* já havia encerrado suas atividades, lançou o primeiro (e até onde se sabe único) volume da coleção *Grandes Obras Ilustradas*, da Empresa Editora homônima, que fundou com João Chagas, intitulado *Thomaz Ribeiro e sua obra*. Observe-se que se tratava de transferir para os livros a mesma fórmula utilizada na revista, ou seja, edição bem cuidada, fartamente ilustrada e impressa em Paris, aliás, na mesma tipografia responsável

pela revista, a empresa de P. Mouillot, localizada no número 13 do Quai Voltaire.³⁷

CONCLUSÃO

As consequências das mudanças aceleradas que marcaram as décadas finais do século XIX fizeram-se sentir com força no mundo dos impressos, graças às rotas transatlânticas, à difusão da informação pelos cabos submarinos, à organização das agências de notícias e às profundas alterações no processo de impressão, que permitiram baratear os periódicos em escala até então inédita e torná-los muito mais atrativos pela incorporação da imagem.³⁸ Não é fruto do acaso o surgimento, em meados da década de 1870, da *Gazeta de Notícias* e do jornal *A Província de S. Paulo*, comprometidos com a difusão da informação em novos moldes.

É nesse contexto que a figura do correspondente impôs-se como uma necessidade incontornável. Entretanto, como se procurou demonstrar, foi lento o processo de depuração e o termo recobria, no período analisado, situações muito diversas que poderiam (ou não) comportar um rol rígido de obrigações. Para Joaquim Nabuco e Mariano Pina, ocupar o cargo de correspondente do *Jornal do Comércio* e da *Gazeta de Notícias* implicou em considerável dedicação e dispêndio de tempo, a ponto de constituir-se na principal atividade de ambos, o que não ocorria com Eça de Queiroz, por exemplo, para quem escrever para a *Gazeta* era mais uma de suas tarefas, ao lado da condição de diplomata, autor de romances e de muitas outras colaborações literárias em distintos órgãos de imprensa. De fato, sua presença nobilitava a *Gazeta de Notícias* e seus proprietários não o tomavam por um funcionário sujeito a obrigações fixas. Já para Lopes Trovão, ser correspondente foi consequência de sua saída do país, motivada por questões de ordem política e que ocorreria independente da possibilidade de representar um órgão de imprensa em Paris, tarefa, aliás, que ele desempenhou por curto período em vista da falência do jornal ao qual estava ligado.

Independente de se tratar ou não de um contrato formal de trabalho, o correspondente pode ser encarado como um mediador, pois interconectava mundos culturais distintos, atuava enquanto tradutor de realidades e situações diversas e estava imerso numa cultura midiática, já plenamente configurada no final do século XIX. Assim, o correspondente era um elo (certamente não o único) cuja atuação dava-se numa via de mão dupla, o que permite colocar em questão as trocas estabelecidas entre o Brasil Imperial e a Europa, normalmente associadas às noções de recepção passiva e de influência, o que explica a força das metáforas relativas ao espelho e reflexo ou ao ideário dos modelos, incapazes de dar conta de interações bem mais complexas que as vigentes no paradigma da cópia.³⁹

A trajetória de Marino Pina, se única como qualquer percurso individual, é instrutiva das possibilidades que os novos meios de comunicação e a preocupação com a informação possibilitavam. Polemista e cronista relativamente modesto, a chance de se instalar em Paris descortinou-lhe, por si só, um rol diversificado de oportunidades, ainda mais multiplicadas pela tarefa de editar publicação concebida e financiada por um dos proprietários do jornal que o contratou como correspondente.

Mariano Pina viveu do que auferia com suas atividades no campo da cultura e nos meios de comunicação: cronista, correspondente, editor de periódicos e de livros, representante de grupos teatrais, atividades exercidas pelo mesmo indivíduo, o que alerta sobre as condições vigentes no campo intelectual brasileiro e português e sobre o processo de profissionalização das atividades no seu interior, que tinham na imprensa um lugar privilegiado. As múltiplas formas de inserção no mundo literário e artístico fizeram de Mariano Pina um mediador cultural cuja produção, se lida nesta chave, pode contribuir para ampliar a compreensão das transferências estabelecidas em âmbito supranacional.

NOTAS

- ^{1.} O presente texto é parte da pesquisa desenvolvida no âmbito do projeto *A circulação transatlântica dos impressos. A globalização da cultura no século XIX (1879-1914)*, financiado pela Fapesp. Conta também com apoio do CNPq, modalidade bolsa de Produtividade em Pesquisa.
- ^{2.} Toma-se o conceito no sentido discutido por Michel Espagne, 1999: 1: “*Le terme de transfert culturel marque un souci de parler simultanément de plusieurs espaces nationaux, de leurs éléments communs, sans pour autant juxtaposer les considérations sur l’un et l’autre pour les confronter, les comparer ou simplement les cumuler. Il signale le désir de mettre en évidence des formes de métissage souvent négligées au profit de la recherche d’identités, d’une recherche qui vise naturellement à occulter ces métissages, même lorsque les identités en résultent*”. O mesmo Espagne, 2009: 201, ao se referir à importância do livro para a questão das transferências culturais, afirma que: “*Le livre étant par excellence un objet particulièrement mobile, doté à la fois d’une dimension culturelle et d’une valeur économique, résultat d’une production intellectuelle et d’une fabrication matérielle il mérite tout particulièrement d’être envisagé sous cet angle*”, observação que igualmente pode ser estendida para impressos periódicos.
- ^{3.} Apud Schapiro, 2002: 114 e 118, respectivamente. O autor também reproduz o relato feito em 1835 por Victor Hugo, quando de sua primeira viagem de trem: “*Um movimento magnífico, indescritível, tendo de ser experimentado diretamente. A rapidez é inacreditável. As flores à beira da estrada deixam de ser flores e passam a ser manchas, ou melhor, listras vermelhas ou brancas. Não existem mais pontos, tudo é listrado. As espigas de trigo são grandes cabeleiras amarelas, as verduras são longas tranças verdes; cidades, campanários e árvores dançam e se mesclam furiosamente no horizonte; vez ou outra, uma sombra, uma forma, um espectro erguido, aparece e desaparece como clarões de raio ao lado da porta; é um guarda-cancela de uniforme. Pessoas dizem no vagão; faltam três léguas, chegaremos em dez minutos*” (pp. 111-112).
- ^{4.} Hobsbawm, 1988: 48 e 31, respectivamente.
- ^{5.} Hallewell, 2005: 199-201.
- ^{6.} Para a questão, consultar Feyel, 2011: 97-139.
- ^{7.} Mollier, 1997: 15-26.
- ^{8.} Lenoble, 2011: 605-613. Os cartazes espalhados pelo Rio de Janeiro em dezembro de 1860, que reproduziam a primeira página da *Semana Ilustrada* (RJ, 1860-1876) e anunciavam o futuro lançamento da publicação de viés humorístico, é tomado como marco inaugural dessa prática no Brasil.
- ^{9.} Nas palavras de Marie-Ève Thérénty, 2007: 13 e 16: “*À l’exception de Flaubert, qui a résisté – avec difficulté – à ses sirènes ensorcelantes, pratiquement tous ont été engagés à un moment ou à un autre par la presse. Certains (...) se sont attelés à elle pour la vie. Pour beaucoup d’entre eux, l’aventure a même abouti à la création d’un journal (...). Indépendamment de cet engagement maximal que constitue la fondation d’un périodique, la plupart des hommes de lettres au XIXe siècle sont donc investis dans la rédaction de revues et de quotidiens, inaugurant des pratiques de publication tour à tour nouvelles et dont on ne mesure pas encore aujourd’hui toutes les conséquences en termes de poétique*.” Para o caso brasileiro, bem diverso do francês, ver as considerações de Sérgio Miceli, 2001, sobre a dependência da intelectualidade frente ao Estado ainda nos anos 1930 e 1940.
- ^{10.} Meyer, 1992: 93-133.
- ^{11.} Sodré, 1966: 247.
- ^{12.} O prospecto e a coleção completa da *Gazeta de Notícias* estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira (HDB): <http://hemerotecadigital.bn.br/> O ano de 1875 também assinalou a fundação do matutino *A Província de São Paulo* (hoje *O Estado de S. Paulo*), lançado a 04 de janeiro e cujo exemplar avulso custava 200 réis. A *Gazeta* e *A Província* compunham o novo perfil do periodismo diário.

- ^{13.} Sobre a importância da *Gazeta* nas relações culturais luso-brasileiras, ver Miné, 2005: 221-229.
- ^{14.} Zan, 2009: 87-92 e 133-139, respectivamente.
- ^{15.} Sobre o tema, ver Neves, 2007: 80-97.
- ^{16.} Para análise detida da importância e impacto das imagens, bem como para as questões envolvidas na passagem da fotografia à litogravura, ver Andrade, 2004: 189-201.
- ^{17.} Sobre a questão, ver as detalhadas informações de Molina, 2015: 392-399.
- ^{18.} Informações em Carvalho, 2013: 16.
- ^{19.} Para a trajetória de Trovão, ver Capaz, 2010.
- ^{20.} Sobre Ricard, consultar Batalha, 2009a: 138-140. A respeito da trajetória da publicação que ele fundou no Brasil e das polémicas em que se envolveu, ver Batalha, 2009b: 161-173.
- ^{21.} Os dados sobre Pina são escassos. Sabe-se que nasceu em 29/01/1860 em Alcobaça e que, por força da morte do pai, abandonou os estudos de Medicina e dedicou-se ao jornalismo. Integrou a redação de diversos jornais lisboetas – *Correio Nacional* (1893-1906), *Diário Popular* (1866-1896), *Jornal do Comércio* (1853-1989) – e fundou *O Espectro*, panfleto hebdomadário (Paris, 1890), além de haver dirigido *O Nacional* (Lisboa, 1890-1891). Atuou no mundo do teatro como agente e tradutor e ensaiou atividades na edição de livros. Ligado ao grupo de artistas que se reunia na Cervejaria Leão de Ouro, cunhou o termo Grupo do Leão. Faleceu de tuberculose em São João do Estoril a 30/03/1899.
- ^{22.} Bordalo deixou Lisboa em agosto de 1875 e instalou-se no Rio de Janeiro, em condições financeiras bastante favoráveis, pois o seu contrato estipulava remuneração mensal de 50 libras, quantia que lhe permitiu trazer a família para o Brasil. O convite partiu do então proprietário d'*O Mosquito*, Manuel Rodrigues Carneiro. Ele retornou a Lisboa em 1879. Sobre o tema, ver França, 2006, s/p.
- ^{23.} Por ocasião da morte de Pina, a *Gazeta* mencionou sua condição de antigo correspondente da folha em Paris e fez questão de pontuar que ele “nos fora recomendado pelo ilustre Pinheiro Chagas”. *Gazeta de Notícias*, 02/04/1899: 01.
- ^{24.} Informações em Carvalho, 2013: 16-17.
- ^{25.} Carta de Henrique Chaves, enviada do Rio de Janeiro em 08/04/1882. BN, Lisboa, Espólio N17/35. O espólio dos irmãos Augusto e Mariano Pina, depositado na Biblioteca Nacional de Portugal sob o número N17, foi analisado por Elza Miné, 1992: 23-61, que transcreveu parte da correspondência ativa e passiva de Mariano Pina. Carta de Henrique Chaves, enviada do Rio de Janeiro em 08/04/1882. BN, Lisboa, Espólio N17/35.
- ^{26.} Para o conceito de sociabilidade, em sua articulação com os impressos periódicos, ver Pluet-Despatin, 1992: 125-136.
- ^{27.} Carta de Elísio Mendes, enviada do Rio de Janeiro em 01/08/1882. BN, Lisboa, Espólio N17/165.
- ^{28.} Carta datada de Henrique Chaves datada de 23/09/1882.
- ^{29.} Cartas de Elísio Mendes de 01/08/1882, 12/09/1882 e 02/03/1884, respectivamente. BN, Lisboa, Espólio N17/165.
- ^{30.} Ver as missivas de Ferreira de Araújo, datadas de 10/03/1883, 08/02/1884 e, sobretudo, as de 19/05 e 03/11/1885. BN, Lisboa, Espólio N17/4, todas erroneamente identificadas como sendo de Ferreira de Amorim.
- ^{31.} O subtítulo manteve-se inalterado no primeiro ano de circulação para oscilar, em 1885, entre *A Ilustração*. Revista universal impressa em Paris ou simplesmente *A Ilustração*. Entre dezembro de 1885 e julho de 1887, adotou-se fórmula próxima do original, *A Ilustração*. Revista de Portugal e do Brasil. O subtítulo foi definitivamente abolido a partir de agosto de 1887.
- ^{32.} Carta de Elísio Mendes a Pina, endereçada de Lisboa em 23/03/1886. BN, Lisboa, Espólio N17/165.
- ^{33.} Sobre o conceito de poder simbólico, ver Bourdieu, 1998.
- ^{34.} Carta remetida de Lisboa, em 29/06/1884. BN, Lisboa, Espólio N17/292.
- ^{35.} Ver carta remetida de Lisboa por Guiomar Torresão, datada de 13/01/1888. BN, Lisboa, Espólio N17/22. No espólio há rascunho da resposta de Pina, datada de 18/01/1888, ver: Idem, Espólio N17/23.
- ^{36.} Carta remetida de Lisboa, em 21/03/1888. Espólio de Jaime dos Reis Batalha. BN, Lisboa, Espólio E4, Caixa 35. Bordalo Pinheiro valia-se de Mariano Pina para enviar presente à atriz, conforme se vê em carta remetida de Lisboa, em 22/04/1888. BN, Lisboa, Espólio N17/163. Para os contratos, ver: Idem, E17/200, 210 e 211.
- ^{37.} Notícia sobre o lançamento na *Gazeta de Notícias*, 18/09/1895, p. 2. Os rascunhos da obra estão na BN, Lisboa, Espólio N17/212.
- ^{38.} No período aqui abordado ainda não se havia difundido a reprodução direta da fotografia nos impressos periódicos, circunstância que exigia a intervenção de gravadores, encarregados da reprodução em madeira (xilogravura), na pedra litográfica (litogravura) ou no metal (talho doce). Para a trajetória dessa imprensa ilustrada, consultar Bacot, 2002.
- ^{39.} Para críticas a tais posturas, consultar Compagnon, 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, J. M. F. de, 2004, *História da fotorreportagem no Brasil. A fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*, Rio de Janeiro, Elsevier.
- Bacot, J.-P., 2002, *La presse illustrée au XIXe siècle. Une histoire oubliée*, Limoges, Pulim.
- Batalha, C. H. M., 2009a, *Dicionário do movimento operário na cidade do Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo.
- Batalha, C. H. M., 2009b, “Um socialista face à escravidão no Brasil: Louis-Xavier de Ricard e o jornal *Le Sud-Américain*”, in Vidal, L., Luca, T. R. de (Eds.), *Os franceses no Brasil, séculos XIX-XX*, São Paulo, UNESP.
- Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, Espólio de Augusto e Mariano Pina, N17. Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, Espólio de Jaime do Reis Batalha, E4.
- Bourdieu, P., 1998, *Poder simbólico*, Rio de Janeiro, Bertrand.
- Capaz, C., 2010, *Lopes Trovão. Uma voz contra o Império*, Angra dos Reis, RJ, Edições do Autor.
- Carvalho, J. M., 2013, “Introdução geral”, in Carvalho, J. M., Bethell, L., Sandroni, C., *Joaquim Nabuco. Correspondente internacional*, São Paulo, Global, Rio de Janeiro, ACB, vol. 1.
- Compagnon, O., 2009, “L’Euro-Amérique en question. Comment penser les échanges culturels entre l’Europe et l’Amérique latine”, *Nuevo Mundo Nuevos Debates*, pp. 1-14, URL: <https://nuevomundo.revues.org/54783?lang=pt>, acesso em ago. 2015.
- Espagne, M., 1999, *Les transferts culturels franco-allemands*, Paris, PUF.
- Espagne, M., 2009, “Transferts culturels et histoire du livre”, *Histoire et civilisation du livre, Revue internationale*, Genève, Librairie Droz, pp. 201-218.
- Feyel, G., 2011, “Les transformations technologiques de la presse au XIXe siècle”, in Kalifa, D., Régnier, P., Thèrenty, M.-È., Vaillant, A. (Eds.), *La civilisation du journal. Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle*, Paris, Nouveau Monde éditions, pp. 97-139.
- França, J. A., 2006, “Bordalo Pinheiro no Brasil”, in Araújo, E. (Ed.), *Rafael Bordalo Pinheiro. O português tal e qual*, São Paulo, Pinacoteca do Estado de São Paulo.
- Hallewell, L., 2005, *O livro no Brasil*, São Paulo, Edusp, 2ª ed. rev. e ampl.
- Hobsbawm, E. J., 1988, *A era dos impérios (1875-1914)*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Lenoble, B., 2011, “Les produits dérivés”, in Kalifa, D., Régnier, P., Thèrenty, M.-È., Vaillant, A. (Eds.), *La civilisation du journal. Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle*, Paris, Nouveau Monde éditions, pp. 605-613.
- Meyer, M., 1992, “Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a crônica”, in Setor de Filologia da FCRB (Ed.), *A crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, Rio de Janeiro, FCRB, pp. 93-133.
- Miceli, S., 2001, *Intelectuais à brasileira*, São Paulo, Companhia das Letras.
- Miné, E., jul.-dez. 1992, “Mariano Pina, a *Gazeta de Notícias* e *A Ilustração* histórias de bastidores contadas por seu espólio”, *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, vol. 7, nº2, pp. 23-61.
- Miné, E., dez. 2005, “Ferreira de Araújo, ponte entre o Brasil e Portugal”, *Via Atlântica*, nº8, pp. 221-229.
- Molina, M. M., 2015, *História dos jornais no Brasil. Da era colonial à Regência*, São Paulo, Companhia das Letras, vol. 1.
- Mollier, J.-Y., 1997, “La naissance de la culture médiatique à la Belle-Époque: mise en place des structures de diffusion de masse”, *Études littéraires*, Montréal, vol. 30, nº1, pp. 15-26.
- Neves, F. de C., jan. 2007, “A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará”, *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 11, nº22, pp. 80-97.
- Pluet-Despatin, J., mars 1992, “Une contribution à l’histoire des intellectuels: les revues”, in Racine, N., Trebitsch, M. (Eds.), *Sociabilités intellectuelles. Lieux, milieux, réseaux*, Paris, Cahiers de l’Institut d’histoire du temps présent, nº20, pp. 125-136.
- Schapiro, M., 2002, *Impressionismo. Reflexões e percepções*, São Paulo, Cosac & Naif.
- Sodré, N. W., 1966, *História da imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Thèrenty, M.-È., 2007, *La littérature au quotidien. Poétique journalistique au XIXe siècle*, Paris, Seuil.
- Zan, J. C., 2009, *Ramalho Ortigão de o Brasil*, Doutorado em Letras, São Paulo, FFCLH/USP.



Pt. O artigo tem por objetivo discutir os novos contornos assumidos pela figura do correspondente a partir do último quarto do século XIX, momento em que os impactos das inovações técnicas no campo dos transportes e das comunicações fizeram-se sentir na prática jornalística vigente no Brasil. Graças às ágeis notas telegráficas, a circulação e difusão da informação alteraram-se e impuseram novos padrões para os jornais, que se organizavam, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo, como empresas. Foi nesse contexto que a figura do correspondente começou a ganhar importância, ainda que o termo recobrisse situações muito distintas, que podiam comportar desde um contrato de trabalho com tarefas claramente delineadas até relações marcadas pela informalidade, conforme se evidencia ao longo do texto. Esses indivíduos são encarados como importantes elementos de ligação entre culturas, mediadores que transitavam por diferentes fronteiras e as interconectavam, já imersos numa cultura midiática plenamente configurada. Assim, não apenas davam a conhecer as últimas novidades, completavam e interpretavam os telegramas remetidos pelas agências de notícias, mas também assumiam o papel de formadores de opinião, tradutores de realidades e situações, difusores de gostos, modos de vida, propostas estéticas e políticas. Esses aspectos são analisados de forma detida para o matutino *Gazeta de Notícias*, marco do novo jornalismo que se firmava e cujos proprietários desenvolveram estratégias para contar com representantes nas principais cidades europeias. As ambiguidades que envolviam a condição de correspondente, as expectativas em torno do exercício desta atividade e as dificuldades e oportunidades que ofereciam aos que nela se aventuravam são discutidas a partir do exemplo de Mariano Pina, correspondente da *Gazeta* em Paris entre 1882-1886. Polemista e cronista relativamente modesto, a chance de se instalar em Paris abriu-lhe um rol diversificado de oportunidades, ainda mais multiplicadas pela tarefa de editar publicação concebida e financiada por um dos proprietários do jornal que o contratou como correspondente.

Palavras-chave: correspondente, Brasil, final do século XIX, *Gazeta de Notícias*, Mariano Pina.

En. This paper discusses the transformation in the station of the correspondent in the last quarter of the nineteenth century when technical innovations in transportation and communications were impacting journalistic practice in Brazil. Thanks to the quasi-instantaneity of the telegraph, the circulation and dissemination of information changed and imposed new standards on newspapers, which, especially in Rio de Janeiro and Sao Paulo, were consolidating into enterprises. It was in this context that the stature of the correspondent grew in importance, even though the term remained broad and could reference a labour contract with clearly delineated tasks as much as an informal relationship (as evidenced throughout this study). These individuals were considered important connecting elements between cultures—mediators capable of passing through borders and connecting them, themselves members of a media culture especially configured to perform the role. Thus, they not only published the latest news and completed and interpreted the telegrams sent by news agencies, but also assumed the role of opinion shapers; translators of realities and situations; and broadcasters of lifestyle, aesthetic and political news. These aspects are analyzed in the context of the newspaper *Gazeta de Notícias*, a symbol of the new journalism of the times and whose owners developed strategies to have representatives in key European cities. The ambiguities involving the position of correspondent, the expectations surrounding the exercise of this activity and the difficulties and opportunities offered to those who undertook it are discussed in the context of the study of Mariano Pina, *Gazeta* correspondent in Paris between 1882-1886. Originally a relatively modest chronicler and polemicist, the chance to settle in Paris opened many doors for him, including the task of editing a publication conceived and financed by one of the newspaper owners who hired him as a correspondent.

Keywords ; correspondent, Brazil, late nineteenth century, *Gazeta de Notícias*, Mariano Pina

Fr. Cet article analyse les nouvelles dimensions prises par la figure du correspondant dans le dernier quart du XIXe siècle, moment où l'impact des innovations techniques dans le domaine des transports et des communications a été ressenti dans la pratique journalistique au Brésil. Grâce aux dépêches télégraphiques, la circulation et la diffusion de l'information ont changé et imposé de nouvelles normes aux journaux, qui s'organisaient, notamment à Rio de Janeiro et à Sao Paulo, comme des entreprises. C'est dans ce contexte que la figure du correspondant a commencé à prendre de l'importance, bien que le terme puisse concerner à des situations très différentes et impliquer un contrat de travail avec des tâches clairement définies jusqu'à des relations marquées par l'informalité, comme en témoignent les exemples présentés dans le texte. Les correspondants sont considérés comme d'importants éléments de liaison entre cultures, ils sont des médiateurs qui passent différentes frontières, et les connectent car ils sont eux-mêmes plongés dans une culture médiatique configurée pour cela. Ainsi, non seulement ils sont responsables de faire connaître les dernières nouvelles, compléter et interpréter les télégrammes envoyés par des agences de presse, mais ils assument aussi le rôle de leaders d'opinion, de traducteurs de réalités et de situations, de diffuseurs de modes de vie, de propositions esthétiques et politiques. Ces aspects sont analysés en détail dans le cas du journal *Gazeta de Notícias*, symbole de ce nouveau journalisme en train d'être constitué et dont les propriétaires ont développé des stratégies pour avoir des représentants dans les villes européennes les plus importantes. Les ambiguïtés concernant la condition du correspondant, les attentes entourant l'exercice de cette activité, les difficultés et les opportunités offertes à ceux qui s'y sont aventurés sont discutées à partir de l'exemple de Mariano Pina, correspondant de la *Gazeta* à Paris entre 1882 et 1886. Polémiste et chroniqueur relativement modeste, la chance de s'installer à Paris lui a ouvert beaucoup de possibilités, démultipliées aussi par la charge de l'édition de une publication conçue et financée par l'un des propriétaires de journaux qui l'engageait en tant que correspondant.

Mots-clés ; correspondant, Brésil, fin du XIXème siècle, *Gazeta de Notícias*, Mariano Pina.

